

A CIDADE (IN)SEGURA E O IMPACTO NA PRODUÇÃO DA SUBJETIVIDADE DE MORADORES DA ZONA NORTE DO RIO DE JANEIRO: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Daniel Gonçalves Alves

Graduando em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)
danielalvesdga@gmail.com

Ana Cláudia Vidal

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)
anavidall@hotmail.com

Márcia Brito

Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)
marciacarvalho Brito@hotmail.com

Marcos Antonio Ferreira do Nascimento

Doutor e Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Engenheiro Civil pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Psicólogo pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)
Coordenador-adjunto do Centro Latinoamericano de Sexualidade e Direitos Humanos (CLAM) do Instituto de Medicina Social da UERJ
Docente do Curso de Psicologia do Centro Universitário Augusto Motta (UNISUAM)
m2nascimento@gmail.com

RESUMO

A literatura vigente tem apontado a violência como um problema de saúde pública, afetando a vida dos cidadãos, marcando-os com sentimentos de insegurança, medo e vulnerabilidade. O objetivo deste estudo exploratório é investigar que repercussões o fenômeno da insegurança tem gerado na produção de subjetividades, e como este sentimento pode influenciar o cotidiano dos indivíduos. Para obtenção dos dados foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, com 24 pessoas entrevistadas, de ambos os sexos, residentes da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro. A partir da análise do conteúdo das respostas colhidas, constatou-se que existe uma percepção distinta entre homens e mulheres a respeito da segurança/insegurança, mudanças nos hábitos cotidianos devido ao sentimento de insegurança, e criação de estratégias para lidar com esta problemática. Concluiu-se que embora cada um tenha uma percepção de sua realidade e do ambiente que os cerca, todos são afetados pelo fenômeno da violência.

Palavras-chave: Produção de subjetividade. Cidade segura. Violência. Insegurança.

1 INTRODUÇÃO

Este estudo corresponde ao resultado de um trabalho acadêmico desenvolvido como parte da atividade da disciplina Psicologia e Urbanização, do curso de Psicologia do Centro Universitário Augusto Motta, visando trazer uma reflexão teórica e crítica, bem como prática sobre o respectivo tema da (in)segurança, que vem carregado pelo fenômeno da violência, que direta ou indiretamente acomete em várias dimensões a vida social contemporânea.

Conhecida como a Cidade Maravilhosa, o Rio de Janeiro é de uma beleza marcante, possuindo diversos atrativos naturais que lhe atribuem notoriedade em todo o mundo, servindo inclusive de inspiração para muitos artistas e músicos. Por outro lado, a cidade também apresenta outra realidade: seus altos índices de violência urbana.

Assim, será que o discurso que é descrito do Rio de Janeiro, como uma “Cidade Maravilhosa”, condiz com a sua realidade atual? Pois, do mesmo modo que se observa uma beleza exuberante também se evidencia a violência em suas múltiplas vertentes. Parece que o fenômeno da violência tem desconstruído e ofuscado a imagem e o sentido da Cidade Maravilhosa, transformando-a em uma cidade do medo e da insegurança (ALVARENGA FILHO, 2010).

A violência urbana é uma das preocupações mais discutidas atualmente, tanto pelos governantes, quanto pela sociedade, configurando-se há algumas décadas como um dos fenômenos que mais preocupam os habitantes das grandes cidades brasileiras (ADORNO, 1991).

Estudos apontam que a década de 1980 foi um período de estagnação econômica (e social), o que gerou um aumento nas taxas de desigualdade social e da pobreza na estrutura social brasileira. Aumentaram os indicadores associados à violência na sociedade, tais como os índices de mortalidade, causada muitas vezes por crimes violentos e homicídios (CARVALHO, 2013; DELLAPOSSA; BERCOVICH; ARRIAGA, 1999; REISHOFFER; BICALHO, 2009).

A partir da década de 1990, o tema da segurança pública eclodiu nas agendas políticas do país, tendo em vista os altos índices de violência urbana, em especial, as elevadas taxas de homicídios devido à criminalidade (CARVALHO, 2013).

Deste modo, como asseguram Queiroz e Lacerda (2005), considerar a violência enquanto fenômeno presente e perene nas cidades brasileiras remete à compreensão de uma realidade marcada pelo medo. E esse temor à violência

tem transformado as cidades em cidades defensivas, conforme ressalta Dellassopa, Bercovich e Arriaga, (1999), onde cidadãos de diversas localidades lidam com um intenso processo de proteção e fortificação, transformando-se em cidadãos defensivos que passam a evitar certos pontos da cidade e tornando-se desconfiados de tudo e de todos.

Segundo Castel (2005), a sociedade contemporânea tem como premissa as inseguranças civil e social que fazem irromper sistemas de proteção cada vez mais sofisticados e individuais, caracterizando-se por indivíduos que buscam incansavelmente por segurança. Isto acaba compondo o cenário moderno da “Cidade Maravilhosa” não somente pelos seus encantos naturais, mas também por modernas estruturas de proteção, equipamentos e serviços de segurança privada, como muros, blindagem, grades, cercas elétricas, guaritas, segurança armada e motorizada, circuitos de TV etc.

Dessa maneira, é importante pensar sobre que repercussões o fenômeno da insegurança tem gerado na produção de subjetividades, e como este sentimento pode transformar o cotidiano dos indivíduos.

Contudo, torna-se relevante fazer um esclarecimento preliminar sobre o significado de alguns conceitos ao longo deste estudo.

2 PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE

Neste estudo não será tomada a ideia de subjetividade como uma instância centrada no indivíduo, pois tal concepção implicaria a produção de um homem individualizado e com uma subjetividade singular.

Por isso, no que concerne às subjetividades (no plural), será adotada a concepção do filósofo francês Félix Guattari. Guattari (1992) não considera as subjetividades como essências inerentes ao ser humano. Pelo contrário, as compreende como processuais e imanentes. As subjetividades são produzidas por diferentes instâncias individuais, coletivas e institucionais, não tendo nenhuma instância dominante de determinação que guie as outras instâncias segundo uma causalidade unívoca. Sendo assim, para o referido autor a subjetividade, de fato, é plural, polifônica.

Portanto, as subjetividades se referem aos diversos modos pelo quais o sujeito experiencia o mundo, tais como a forma de ver, ouvir e sentir, nos vários relacionamentos vividos. Elas dizem respeito às maneiras como vivemos e experimentamos a vida.

Podemos, portanto, compreender as subjetividades como uma produção histórica, que se dá a partir de numerosos atravessamentos sociais. Assim sendo, elas são os efeitos de múltiplas produções e, ao mesmo tempo, são produtoras também. Deste modo, pode-se dizer que o indivíduo nunca é o mesmo sempre, pois está em constante processo, afetando e sendo afetado por forças e acontecimentos do seu contexto contemporâneo.

3 CIDADE (IN)SEGURA

Falar sobre Cidades Seguras é, sobretudo, discorrer sobre o tema da insegurança.

De maneira utópica podemos pensar: “Existe uma cidade segura? Se existe, ela é segura para quem?”. Reishoffer e Bicalho (2009) apontam que é de conhecimento comum em nosso país uma tradição autoritária, elitista e desigual. Os autores destacam que durante o regime ditatorial, a ordem pública que devia ser construída e defendida era para determinados grupos sociais, não para todos. Era uma ordem confundida com os interesses das forças sociais dominantes, principalmente de alguns poderosos e do Estado.

Reishoffer e Bicalho (2009) apontam ainda que apesar de alguns setores das políticas públicas passarem por um amplo processo de transformações e revisões, decorrentes da Constituição, ainda assim foram mantidas as estruturas e práticas institucionais ligadas ao passado ditatorial. Embora percebam-se melhorias e evoluções nas políticas públicas, ainda existe um grande caminho a ser percorrido em torno do debate da segurança pública, em especial no que diz respeito a se o estabelecimento da “ordem” que se pretende defender e manter é de fato pública, isto é, de todos os cidadãos de uma sociedade que possuem os mesmos direitos e deveres. Pois a ideia de República (do latim “*res publica*”) é para todos e todas e não somente para grupos minoritários e detentores do poder.

Deste modo, percebe-se que as pessoas podem se sentir inseguras devido à falha do Estado em prover a segurança pública ou ainda pelo seu processo de leitura do mundo que as cerca. Ou ainda por ambas as coisas. Esse parece ser um problema da sociedade moderna. Como diz Bauman (2000), o mais alarmante e doloroso dos problemas contemporâneos pode ser entendido pelos sentimentos de incerteza, falta de garantia e insegurança.

Castel (2005) assegura que as sociedades contemporâneas são arquitetadas e estabelecidas sobre

o terreno da insegurança, sendo sociedades de indivíduos que não encontram em si mesmos, nem em seu entorno imediato, a capacidade de assegurar proteção. Sendo assim, acometidos por um sentimento de desamparo e sensação de não estarem seguros e/ou protegidos.

Destarte, devido à chegada do capitalismo globalizado, essa sensação de segurança e proteção vai dar lugar à liberdade do mercado, onde a segurança torna-se uma mercadoria, em que o indivíduo é entregue à sua própria capacidade em se assegurar (CASTEL, 2005).

4 DISPOSITIVOS DE CONTROLE

Os mecanismos e estratégias que os indivíduos criam para se sentirem seguros acabam conduzindo-os ao que o filósofo francês Michel Foucault denominou de sociedade disciplinar, isto é, a um sistema de controle social, em que o sujeito é levado a se apoderar e utilizar estruturas e equipamentos de segurança e proteção, que podem ser associados, aqui, com os “dispositivos de controle” (FOUCAULT, 2002).

Considerando os dispositivos de controle como ramificações da sociedade disciplinar, Foucault (*Ibid.*) aponta para a criação de um sistema de controle social por meio da conjugação de várias técnicas de controle, classificação e vigilância que se dividem pela sociedade a partir de uma cadeia hierárquica vinda do poder central, multiplicando-se numa rede de poderes integrados. Sendo o poder estimado dentro de um contexto de forças que trafega circularmente, em um encadeamento de poderes, perpassando a todos. Assim, os sujeitos, ao mesmo tempo em que são dotados deste poder, também sofrem a sua ação.

Para Foucault (2002) o poder não existe isoladamente, mas depende de práticas ou relações de poder que se disseminam por todo corpo social. Para o autor este poder deve ser analisado como algo que circunda, ou seja, como algo que só funciona em cadeia.

Por fim, o objetivo é conhecer toda a estrutura e sistema social, transformando esta massa informe em pequenas partições, para assim, melhor exercer o poder por meio do controle. E, muitas vezes este controle é exercido pela visibilidade, pois vigiando os cidadãos torna-se possível mantê-los dominados.

Esse pode ser considerado um mecanismo perverso do capitalismo, onde tudo é mercadoria. Onde o indivíduo,

dotado deste suposto poder, adquire esses “dispositivos de controle”, câmeras, cercas elétricas etc., isto é, qualquer mecanismo que de alguma forma pode vigiar e controlar o comportamento dos indivíduos.

5 METODOLOGIA

Para obtenção dos dados e melhor ilustrar o trabalho¹, foi utilizado um roteiro de entrevista semiestruturado, em que se buscou investigar (1) a percepção de homens e mulheres a respeito da segurança/insegurança; (2) se houve mudanças nos hábitos cotidianos devido ao sentimento de insegurança; e (3) que estratégias são criadas para lidar com esta problemática. Foram entrevistadas 24 pessoas, de ambos os sexos, convidadas aleatoriamente para participar desse estudo, todos residentes da Zona Norte da cidade do Rio de Janeiro, com faixa etária entre 16 e 60 anos, e com diferentes níveis de escolaridade.

A entrevista semiestruturada é uma entrevista com perguntas estabelecidas antecipadamente (BLEGER, 2011). Contudo, o entrevistador tem liberdade para inserir novas perguntas, caso necessite ampliar as respostas do entrevistado. O roteiro de entrevista foi testado e algumas perguntas foram reformuladas. Antes da aplicação da entrevista, foi explicado ao entrevistado o objetivo do estudo, e esclarecido que a pessoa poderia se retirar da entrevista no momento que desejasse².

A análise dos dados foi realizada a partir da análise do conteúdo (BARDIN, 1979; MINAYO, 2000) das respostas colhidas. Doravante, as respostas foram categorizadas.

Além disso, o estudo também se ancorou numa revisão não exaustiva da literatura, que incluiu livros, teses, dissertações e artigos em periódicos especializados. No entanto, acreditamos que seria necessária uma melhor contextualização teórica sobre o tema a partir de estudos das Ciências Humanas e Sociais, notadamente das Ciências Sociais e da Psicologia.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Sabe-se que a temática da violência exerce grande influência em diversos contextos, principalmente, no que diz respeito às suas repercussões na vida do indivíduo, gerando medo, insegurança e incertezas. Apesar de esta ser uma realidade já discutida e conhecida na literatura (CAMPOS, 2008; MIRANDA; NASCIMENTO; MELLO, 2007; CALDEIRA, 2000; ALVARENGA FILHO, 2010), ainda aguardamos

¹ Esse estudo foi realizado entre agosto e dezembro de 2013, durante a disciplina Psicologia e Urbanização, sob orientação do Professor Marcos Nascimento.

² Foi afirmado para cada entrevistado o objetivo do estudo, o sigilo a respeito da sua identidade e que sua participação era totalmente voluntária, podendo interrompê-la a qualquer momento.

por mudanças significativas nesse quadro. Assim, para compreender os desdobramentos que esses sentimentos trazem à vida cotidiana dos sujeitos, buscou-se escutar suas vozes e percepções sobre essa problemática. Abaixo, serão apresentados fragmentos das entrevistas que exemplificam as análises de cada categoria, divididas em três tópicos.

6.1 Percepção de Homens e Mulheres a Respeito da Segurança/Insegurança

Neste estudo foi possível perceber pontos divergentes quanto ao sentimento de insegurança entre homens e mulheres³. Observou-se que entre os homens existe um equilíbrio percentual, em que 50% se sentem seguros e 50% se sentem inseguros. Em contrapartida, na percepção feminina o resultado colhido foi de 17% sentindo-se seguras e 83% apresentando insegurança. Assim, a percepção de insegurança parece afetar mais o público feminino do que os entrevistados do gênero masculino.

Beato e Caminhas (2009) afirmam que o fato de as mulheres se sentirem inseguras é devido ao grande receio de sofrer algum crime. A seguir uma das entrevistadas relata sobre o medo de sofrer algum delito: *“Fico sempre alerta, para qualquer movimentação estranha.”* (Mulher, 32 anos, moradora do Méier). Outras entrevistadas ressaltam este sentimento de insegurança: *“deixo de sair, com medo de ser assaltada.”* (Mulher, 39 anos, moradora de Cascadura). *“Não tem nenhuma segurança, é muito ruim, nada seguro.”* (Mulher, 22 anos, moradora de Bonsucesso).

Desse modo, observa-se que o sentimento de vulnerabilidade experienciado pelas entrevistadas é um fator presente no dia a dia de cada uma. A disseminação da insegurança pode ser um elemento que afeta a percepção das mulheres, levando-as ao receio do risco de ser vítima de algum episódio de violência. Com isso, o espaço público tem sido percebido e estabelecido pelo discurso do medo, no qual as relações sociais são sobrepujadas pela insegurança e desconfiança. Conforme relatam algumas entrevistadas, a respeito do perceptível avanço da violência e a preocupação com a criminalidade: *“No Rio de Janeiro, até de dia estamos vulneráveis à violência.”* (Mulher, 38 anos, moradora do Jardim América). *“A segurança na cidade, de maneira geral deixa muito a desejar. Não sinto segurança nenhuma em andar pelas ruas e bairros da cidade.”* (Mulher, 46 anos, moradora de Olaria). *“A insegurança hoje se tornou um dos maiores*

³ Foram entrevistados 12 homens e 12 mulheres, com vistas a manter um balanço da categoria de gênero.

problemas que a população enfrenta, junto com a educação e a saúde..." (Mulher, 24 anos, moradora do Ramos).

Contudo, um aspecto importante a ser ressaltado é o fato de que 17% das entrevistadas consideraram seguro o ambiente em que residem. Esse grupo se sente tranquilo em relação ao aspecto de segurança da localidade em que moram: *"Já esteve pior, mas acho tranquilo."* (Mulher, 45 anos, moradora de Olaria). *"É... relativamente tranquilo."* (Mulher, 24 anos, moradora de Olaria). *"Ah, minha percepção é tranquila."* (Mulher, 32 anos, moradora da Penha).

Já outra entrevistada, mesmo afirmando que considera bom o lugar em que mora, confessa que se sente insegura quando anda por algumas localidades do Rio de Janeiro:

A percepção que tenho da localidade onde moro são boas, atualmente considero um dos melhores lugares para se morar. Um lugar em que se pode, por enquanto, entrar e sair tranquilo, comparado à violência que vejo e presencio em outros lugares, que de algum modo me deixam com um pouco de medo. (Mulher, 27 anos, moradora da Ilha do Governador).

Podemos então observar que a sensação de perigo e o medo podem estar em toda parte, remetendo ao que Bauman (2006) denomina de *medo líquido*, o medo *difuso*, *ubíquo*, ou seja, aquele que está em toda parte. Bauman define que o "Medo" é o nome que damos à nossa incerteza, nossa ignorância da ameaça e do que deve ser feito para fazê-la parar ou enfrentá-la. Os seres humanos, como os animais, quando confrontados por uma ameaça, oscilam entre fuga e agressão. Mas para os humanos, existe o medo de "segundo grau", que é um resquício de uma experiência passada de enfrentamento da ameaça direta que passa a modelar a conduta humana mesmo que não haja mais ameaça direta. O "medo derivado" gera uma sensação de insegurança e vulnerabilidade com capacidade de autopropulsão, sendo facilmente "desacoplado" dos perigos que o causam.

Não obstante, ao analisar as respostas dos homens entrevistados, constatou-se que eles se sentem mais seguros do que as mulheres. Como relatado a seguir: *"a minha percepção de segurança é segura, me sinto seguro no bairro em que moro."* (Homem, 46 anos, morador da Penha). *"Eu me sinto seguro onde moro."* (Homem, 46 anos, morador de Olaria).

Beato e Caminhas (2009) argumentam que a discrepância de medo entre homens e mulheres pode ser devido a valores masculinos de coragem, por isso esses acabam relatando que sentem menos medo que as mulheres.

Contudo, apesar de os homens se sentirem mais seguros que as mulheres, é importante ressaltar que o resultado das respostas dos entrevistados do gênero masculino foi dividido, pois grande parte dos homens também se sente insegura. Os relatos a seguir exemplificam isso: “*Na minha opinião, a segurança é muito fraca. Eu não tenho muita segurança quando saio de casa.*” (Homem, 19 anos, morador do Engenho da Rainha). “*É falha, ainda não atende o necessário. Falta sensação de segurança.*” (Homem, 27 anos, morador de Ramos). “*Muito ruim. Me sinto muito inseguro, é totalmente inseguro.*” (Homem, 38 anos, morador da Penha).

Portanto, parece que a sensação de insegurança está presente em toda a sociedade.

6.2 Produção de subjetividade frente a um ambiente inseguro: mudanças nos hábitos cotidianos

Discorrer sobre o tema da insegurança é, sobretudo, pensar como tal sentimento tem sido produzido. Deste modo, cabe destacar como acontece o processo de subjetivação dos indivíduos. Como assegura Guattari (1992), as subjetividades são produzidas e se referem aos diferentes modos e maneiras de experimentar e viver o mundo, isto é, as maneiras como o sujeito, sente, olha e percebe o mundo a sua volta.

A contemporaneidade é marcada pelo surgimento do medo e da sensação de insegurança que integram as relações sociais, pois de uma forma ou de outra, estes sentimentos incidem e provocam mudanças significativas na sociedade, gerando implicações nas maneiras de viver e nos relacionamentos de cada sujeito, ou seja, nos modos de subjetivação.

Esses modos de subjetivação acabam produzidos e reproduzidos em larga escala em nossa sociedade, marcada pelo medo e pelo sentimento de insegurança.

Devido a essa problemática, muitas pessoas têm percebido e sentido um grande impacto em suas subjetividades, transformando seus hábitos cotidianos. Como relata a entrevistada a seguir:

Um ambiente inseguro, muda o hábito, acredito que de todas as pessoas. A insegurança muda não só o nosso cotidiano, como também a nossa vida física, mental e espiritual. A insegurança produz medo e o medo nos paralisa, por conta disso, fica-se mais difícil para ter uma vida normal, como sair para trabalhar, caminhar, até mesmo sentar a frente da sua casa para conversar com vizinhos. A insegurança, ou seja, um ambiente inseguro muitas vezes pode cortar o vínculo entre pessoas, até mesmo sem as mesmas

desejarem. (Mulher, 27 anos, moradora da Ilha do Governador).

O seguinte relato revela que apesar de existir uma mudança no dia a dia da participante, também se evidencia um elemento importante a ser destacado, que parece ser a fabricação de uma subjetividade celular e individual, por conta da violência e do sentimento de insegurança. Dentro deste pensamento, Sennet (1988) afirma que o esvaziamento progressivo dos espaços urbanos na modernidade produz uma subjetividade individualizada cerceada nos muros do lar e do eu.

Desse modo, percebe-se que tais percepções cooperam para a produção de um clima de medo e insegurança na cidade do Rio, onde muitos cidadãos optam por se trancafiar em suas casas. Caldeira (2000) assegura que o aumento da sensação de insegurança, proveniente do crescente fenômeno da violência e da criminalidade, tem afetado a vida dos indivíduos, reorganizando suas atividades cotidianas e suas relações sociais. O relato seguinte demonstra isso: “Saio menos, me sinto mais preso dentro da minha residência.” (Homem, 26 anos, morador de Bonsucesso).

Assim, o que era para tornar-se um fator de proteção, transforma-se em um aspecto de prisão, onde a casa, além de ser representada como um local de proteção e fortificação, modifica-se, sendo percebida como uma espécie de “presídio”, contendo diversas estruturas de segurança, isto é, os dispositivos de controle (FOUCAULT, 2002). Dessa maneira, proteção e controle parecem caminhar juntos. Quem é controlado? Quem é protegido?

Com isso, o que se observa é a produção de modos de subjetivação marcados e mantidos pelo sentimento de insegurança e medo. De tal modo, poder-se-iam citar múltiplos fatores que estão interligados a estes sentimentos que de alguma forma acabam comprometendo e trazendo implicações ao processo de subjetivação, como a ameaça à integridade física, o desemprego, a instabilidade, a desconfiança, o mal-estar etc. Estes passam a compor o cotidiano dos relacionamentos interpessoais. E, devido à insegurança, de não se sentir suficientemente seguro e protegido, criam-se estratégias de manejo para lidar com esta sensação, bem como, ações para a contenção da violência.

6.3 Estratégias criadas para lidar com a insegurança

Os sentimentos são percebidos como padrões de verdade, e o medo e a insegurança advêm de ameaças, muitas vezes,

presentes nas ruas e nos espaços públicos que precisam ser evitados. Assim, alguns se voltam para dentro dos lares e locais que consideram seguros e protegidos (COIMBRA, 2013).

Contudo, quando surge o sentimento de desproteção, uma das consequências é a sensação de insegurança, acompanhada pela preocupação com a violência, que consequentemente repercute no cotidiano de todos, mobilizando alguns cidadãos a tomarem certas atitudes. Como se observa a seguir: *“Eu evito andar de carro com os vidros abertos.”* (Homem, 47 anos, morador de Olaria). *“Não gosto de sair sozinha, sempre é bom estar acompanhada. Deixo de fazer algumas atividades quando tenho que sair sozinha.”* (Mulher, 38 anos, moradora de Ramos). *“Tenho que ter a atenção dobrada para andar na rua, não sair sozinha à noite.”* (Mulher, 24 anos, moradora de Olaria). *“Só saio com certo valor em dinheiro e roupas que chamam pouca atenção.”* (Homem, 19 anos, morador do Engenho da Rainha).

Estas mudanças nos hábitos cotidianos demonstraram que muitos utilizam distintas formas para lidar com a violência, o estresse do dia a dia e com a preocupação de não estarem protegidos de maneira que acham adequada. Uma das entrevistadas afirma não andar por certos lugares considerados de risco: *“Nós nos privamos muitas vezes de sair para certos lugares, que sejam locais de risco.”* (Mulher, 31 anos, moradora de Ramos).

Miranda, Nascimento e Mello (2007) dizem que embora haja uma possível redução dos riscos e das ocorrências que são fontes de insegurança, ainda assim, este sentimento irá perpetuar pela sociedade, pois parece que esta sensação se constitui como parte inseparável da vida moderna.

Outro aspecto importante a ser exposto é o fato de muitos dos entrevistados se privarem de sair à noite ou evitarem chegar tarde em suas residências, por conta da insegurança. *“Eu não saio mais à noite.”* (Mulher, 60 anos, moradora de Olaria). *“Prefiro não sair muito tarde de casa.”* (Mulher, 22 anos, moradora de Bonsucesso). *“Deixo de passear com os meus filhos. Tenho medo de sair à noite de ônibus com a minha família.”* (Homem, 38 anos, morador da Penha). *“Deixo de ficar na rua à noite, tive que mudar meus horários para certas coisas.”* (Homem, 30 anos, morador da Vila da Penha).

Foi possível perceber, por meio desses relatos, que existe uma sensação de insegurança por parte desses cidadãos com relação ao período da noite. Igualmente, evitar saídas noturnas ou retornar altas horas da madrugada tornou-se um elemento importante que auxilia na redução da insegurança.

Campos (2008) afirma que o medo da noite se constitui como uma construção social que localiza a noite como o horário do perigo iminente, em que tudo que é de ruim e perigoso vem à tona. Bem como, verifica-se que são nas madrugadas que ocorre um alto índice de homicídios.

As entrevistas evidenciaram que os indivíduos moradores de alguns bairros do Rio de Janeiro estavam sujeitos a diversas situações que lhes causavam desgaste psíquico, fazendo com que buscassem apoio em seus recursos e crenças pessoais. Como é o caso de duas participantes que dizem lidar com a sensação de insegurança e o medo através do recurso sobrenatural e místico: “Ainda não cheguei a este estágio de parar a minha vida por causa da violência, mas confesso que tenho medo, não só por mim, mas pelos meus familiares. Em relação a lidar com essa situação, como sou evangélica, eu oro e coloco nas mãos de Deus.” (Mulher, 27 anos, moradora da Ilha do Governador). Já outra também afirma: “Eu entrego pra Deus.” (Mulher, 45 anos, moradora de Olaria).

Os valores religiosos, como parte intrínseca da subjetividade de alguns sujeitos, é esperado que aflorem em situações de insegurança. Contudo, isso não deve inviabilizar o dever do Estado em promover segurança aos cidadãos, bem como que todos se responsabilizem por isso. Segundo a definição da Constituição de 1988, em seu artigo 144: “segurança pública, dever do Estado, direito e responsabilidade de todos, é exercida para a preservação da ordem pública e da incolumidade das pessoas e do patrimônio” (BRASIL, 2008).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o que foi analisado, observou-se que o sentimento de insegurança e medo, bem como a violência em suas diferentes formas, estão presentes no dia a dia, tanto de homens, quanto de mulheres. Embora cada um tenha uma percepção de sua realidade e do ambiente que os cerca, todos são afetados por esse fenômeno social.

A sensação de insegurança na contemporaneidade, em especial no Rio de Janeiro, está cada vez mais interligada ao aumento da violência que, por sua vez, promove a base e o fortalecimento de um imaginário do medo (TEIXEIRA; PORTO, 1998). Assim, temas como a insegurança, violência, medo, segurança pública, criminalidade, favelas, morros, produção de subjetividades, são elementos que cada vez mais, se entrelaçam com as belezas da “Cidade Maravilhosa”.

Portanto, retomando os argumentos de Dellapossa e colaboradores (1999) sobre as cidades e os cidadãos defensivos, vemos que emergem dentro de contextos em que existe uma prevalência da criminalidade e da violência pessoas com sentimentos de desproteção e desamparo, tendo que muitas vezes criar estratégias e mecanismos para lidarem com este sentimento de impotência e vulnerabilidade frente a esses riscos.

Por fim, percebemos que esta é uma temática bastante complexa de ser discutida e de se chegar a sua etiologia, e espera-se que com este artigo outros estudos, dentro desta temática, venham a ser estimulados, pois ainda existe uma grande caminhada a ser trilhada até que alcancemos uma cidade segura.

LA CIUDAD (IN) SEGURIDAD Y EL IMPACTO SOBRE LA PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDAD DE LOS RESIDENTES DE LA ZONA NORTE DE RÍO DE JANEIRO: UN ESTUDIO EXPLORATORIO

RESUMEN

La literatura vigente apunta a la violencia como un problema de Salud Pública, afectando la vida de los ciudadanos, marcándolos con sentimientos de inseguridad, miedo y vulnerabilidad. El objetivo de este estudio exploratorio es investigar qué repercusiones genera el fenómeno de la inseguridad en la producción de subjetividades, y como este sentimiento puede influenciar el cotidiano de los individuos. Para la obtención de los datos fue utilizada una entrevista semiestructurada aplicada a 24 personas de ambos sexos, residentes en la zona norte de la ciudad de Rio de Janeiro. A partir del análisis de las respuestas obtenidas, se constató que existe una percepción distinta entre hombres y mujeres sobre el binomio: seguridad-inseguridad, cambios en los hábitos cotidianos debido al sentimiento de inseguridad, y creación de estrategias para lidiar con este fenómeno. Concluyese que a pesar que cada uno tiene una percepción de su realidad y ambiente que le rodea, todos son afectados por el fenómeno de la violencia.

Palabras claves: Producción de subjetividad. Ciudad segura. Violencia. Inseguridad.

THE (UN)SAFE CITY AND THE IMPACT OF SUBJECTIVE PRODUCTION AT NORTH ZONE'S CITIZIANS OF RIO DE JANEIRO: AN EXPLORATORY STUDY.

ABSTRACT

The present literature has indicated violence as an issue of public healthcare that concerns citizen's life making them with the feelings of unsafeness, fear and vulnerability. The goal is to investigate the consequences of the violence phenomenon which has made an output full of subjectivity and how does this feeling can manipulate people's everyday. As data, was used an script made in a half-structured interview with 24 people, male and female public, interviewed from Rio de Janeiro's North Section. In accord with analysis of answered questions it could see different perspective from man and women about safety/unsafeness, changes of everyday routine due to the feeling of unsafeness and also strategies to deal with this trouble. Therefore, although everyone does have a perspective of your own reality and the place that they live, all one are affected by violence phenomenon.

Keywords: Subjective Production. Safe City. Violence. Unsafeness.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Sergio. Violência urbana justiça criminal e organização social do crime. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, São Paulo, n. 33, p. 145-156, out. 1991.

ALVARENGA FILHO, José Rodrigues de. **A "Chacina do Pan" e a produção de vidas descartáveis na cidade do Rio de Janeiro: não dá pé não tem pé nem cabeça, não tem ninguém que mereça, não tem coração que esqueça**. 2010. 316 f. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2010.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1979.

BAUMAN, Z. **Em busca da Política**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

_____. **Medo Líquido**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

BEATO, Cláudio; CAMINHAS, Diego Alves. Medo do crime em Minas Gerais: um olhar aproximativo de suas causas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA, 14., 2009, Rio de Janeiro. **Anais eletrônicos...** Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. Disponível em <http://www.movimentominas.mg.gov.br/system/documents/818/original/2_-_Medo_do_crime_em_Minas_Gerais.pdf>. Acesso em: 24 nov. 2013.

BLEGER, J. **Temas de Psicologia**: entrevistas e grupos. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2008.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. **Cidade de muros**: crime, segregação e cidadania em São Paulo. São Paulo: Ed. 34, EDUSP, 2000.

CAMPOS, J. C. O sentimento de insegurança na cidade do rio de Janeiro: as percepções e a mudança na rotina de vida. In: REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 26., 2008, Porto Seguro. **Anais eletrônicos...** Bahia: UFF, 2008. Disponível em: <http://www.abant.org.br/conteudo/ANAIS/CD_Virtual_26_RBA/foruns_de_pesquisa/trabalhos/FP%2009/joice%20campos.pdf>. Acesso em: 25 nov. 2013.

CASTEL, Robert. **A insegurança social**: o que é ser protegido? Rio de Janeiro. Petrópolis: Vozes, 2005.

CARVALHO, Monique Batista. A política de pacificação de favelas e as contradições para a produção de uma cidade segura. **O Social em Questão**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 29, p. 285-308, 2013. Disponível em: <<http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/12artigo29.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

COIMBRA, Cecília Maria B. **Produção do medo e da insegurança**. Disponível em: <<http://server.slab.uff.br/textos/texto64.pdf>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

DELLAPOSSA, Emílio; BERCOVICH, Alicia; ARRIAGA, Eduardo. Violência, direitos civis e demografia no Brasil na década de 80: o caso da Área Metropolitana do Rio de Janeiro. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 14, n. 39, p. 155-176, fev. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v14n39/1727.pdf>>. Acesso em: 13 nov. 2013.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1992.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

MIRANDA, Ana Paula de; NASCIMENTO, Nivio Caixeta; MELLO, Kátia Sento Sé. **Segurança pública, segurança social e segurança humana**. Rio de Janeiro, 2007. (Coleção Instituto de Segurança Pública).

QUEIROZ, Ivan da Silva; LACERDA, Norma. Do espaço urbano sob a égide do medo à cidade que medra: representações sociais e práticas cotidianas num ambiente marcado pelo medo da violência urbana. *In*: XI Encontro Nacional da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional - ANPUR. 11., 2005, Salvador. **Anais eletrônicos...** Salvador: UFBA, 2005. Mesa Redonda. Disponível em: <<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/view/3479>> Acesso em: 1 mai. 2013.

REISHOFFER, Jefferson Cruz; BICALHO, Pedro Paulo

Gastalho de. Insegurança e produção de subjetividade no Brasil contemporâneo. **Fractal: Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 425-444, ago. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1984-02922009000200015&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2013.

SENNET, Richard. **O declínio do homem público**: tiranias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanches; PORTO, Maria do Rosário Silveira. Violência, insegurança e imaginário do medo. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 47, p. 51-66, dez. 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000400005&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 nov. 2013.